

Prísta Monteiro



- DE GRAUS - 2 ACTOS -
E
- NÃO É PRECISO IR A HOUSTON - 2 ACTOS -



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

1.ª Edição: Maio 1991

Tiragem: 1 500 exemplares

Capa de: António Casimiro

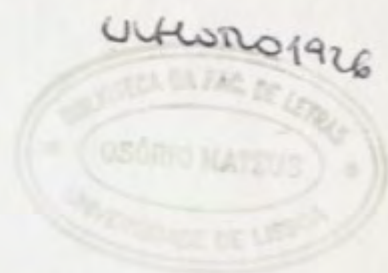
Edição: S.P.A. (com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura)

Impressão: Óptima Tipográfica — Casais da Serra — Malveira

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

Depósito Legal: 24356

PRISTA MONTEIRO



“DE GRAUS”

Peça em dois actos

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores
2.^a Série

PERSONAGENS

MÃE: Viúva. Setenta anos de idade. Obesa.

FILHO: Solteiro. Quarenta e um anos. "Habitus" asténico. Usa fina camisa de cambraia e "foulard" muito vistosos. Vive com a MÃE.

FILHA MAIS VELHA (F.M.V.): Casada. Trinta e oito anos. Veste modestamente.

FILHA DO MEIO (F.D.M.): Divorciada. Trinta e sete anos. "Habitus" pícnico. Veste berrantemente. Vive com a MÃE.

FILHA MAIS NOVA (F.M.N.): Solteira. Trinta e seis anos. "Habitus" leptosómico. Veste-se e maquilha-se excêntricamente. Usa o cabelo cortado à escovinha. Vive com a MÃE.

ATENÇÃO: O "Habitus" constitucional dos personagens deve ser rigorosamente respeitado.

A acção desenrola-se durante uma quente noite de um fim de verão, algures no espaço e... no tempo.

“Quarto de cama de grandes dimensões. Embora confortável, tem uma decoração pretenciosa e antiquada. Ambiente abafado. Pesados cortinados, grossas carpetes, lustre de muitas velas e excesso de móveis dos mais descontraídos estilos, que suportam, também, um exagero de bibelots. Por toda a parte copos com resto de bebidas.

Na parede do fundo, a meio, destaca-se o largo e complicado leito. De cada lado deste há uma mesa de cabeceira. Sobre a da esquerda, um candeeiro e embalagens de medicamentos. Na da direita, acumulam-se copos, livros, um jarro contendo refresco, etc..

Na esquerda alta, o aposento possui uma porta de duas batentes. Não há qualquer janela. Na direita alta está um precioso biombo que tem por função encobrir os vários utensílios de “toilette” que, precariamente, substituem a casa de banho neste tipo de quartos antigos. Por todo o lado se encontram “queridos” animaizinhos domésticos. Aos pés da cama dorme, provavelmente ligeiramente narcotizado, um imponente dalmata. Num alto poleiro equilibra-se um magestoso papagaio de longa e colorida plumagem, contido por uma brilhante corrente.

Aliás tudo quanto diz respeito aos “bichinhos” é caro e magnífico. Há ainda, dispersas, várias gaiolas de diferentes tamanhos habitadas por inquietas e exóticas aves. Em consequência, ouve-se permanentemente um discreto “back ground” provocado por toda aquela passarada, o qual, por vezes, se exacerba acompanhando os períodos de maior turbulência dos personagens.

Na cama, donde nunca sairá, recostada numa profusão de almofadas encontra-se, com um aspecto simultanea-

mente sofredor e agressivo, a MÃE, tendo a cada um dos seus lados um pequeno lulu branco, lindo e submisso. Veste "liseuse" negra, com abundância de farfalhudas rendas da mesma cor e vai abanando-se constantemente com um luxuoso leque igualmente escuro.

Em torno deste enorme leito, dispostos em semi-círculo, sentam-se da esquerda para a direita os filhos. Primeiro a F.M.V., a seguir o FILHO, depois, aos pés da cama, a F.D.M. e finalmente à direita a F.M.N..

Entre a F.M.V. e o FILHO, assente em tripé cromado que roda para qualquer lado, está um receptor de televisão. Por cima dele vê-se uma "cassete" e por baixo está instalada a aparelhagem do "video".

Alguns dos personagens têm nas mãos pequenos leques que, a curtos intervalos, usam furiosamente, enquanto outros, igualmente encalorados, vão sorvendo pequenos goles dos seus refrescos.

Quando o pano sobe o quarto está mergulhado numa penumbra recebendo luz, apenas, do candeeiro da mesa de cabeceira.

Todos os personagens estão com a sua atenção concentrada sobre o pequeno ecran. Este, por agora, está disposto de modo a poder ser visto facilmente, quer pela MÃE, quer pelos filhos, quer pelos espectadores.

Pouco depois ouvir-se-á o tema musical da "cassete" que acabam de ver, enquanto vai correndo o genérico do filme.

Todos os presentes começam então a descontrair-se, de início soltando apenas curtas exclamações. Por fim surge o último plano:

REALIZAÇÃO DE PRISTA MONTEIRO

Então, subitamente, todos rompem a falar entusiasticamente e ao mesmo tempo. As críticas são díspares. Há uma certa agitação. O FILHO, esperançado, interroga: "Então!?" Então!? A F.M.V. exclama: "Uma esperança!" A MÃE acusa: "Um chorrinho", a F.D.M. bate palmas e afirma que "É bestial! É bestial!" A F.M.N. sorri apenas. A MÃE insiste: "Atrevido!" O FILHO começa a tentar justificar-se em cima das contraditórias opiniões dos outros. Acaba por se criar uma algazarra até que finalmente a:"

MÃE — *(intervem com autoridade)* Pronto, mulheres! Calma! Sentem-se! *(Súbito silêncio obediente)* Irra! Que barulheira! *(Pausa)* Esquecem-se que estou convalescente. *(Pausa. Acentua intencionalmente a sua expressão de sofrimento e procura melhorar a posição na cama, enquanto vai resmungando).*
— Caramba! *(Pausa. Geme.)* Maldita... faca! Já me chegavam as enxaquecas!... *(Silêncio. A F.M.V. vai acender a luz do tecto. O FILHO desliga a T.V., a F.D.M. espreguiça-se ruidosamente e a F.M.N. mantém-se hirta na sua cadeira).*

FILHO — *(hesitante)* Bem... então... vocês...

(Pausa).

MÃE — *(com irritação)* Um disparate, rapaz! *(Silêncio. Pega num dos lulus ao colo e acaricia-o).* Hum! Foi amabilidade tua... mas um disparate!

- F.M.V. — *(hesitante)* Bem... eu...
- FILHO — *(um pouco vexado)* Sim! Compreendo... Eu só queria...
- MÃE — Bem sei! Mas um disparate, já disse.
- F.D.M. — *(eufórica)* Ora! De qualquer maneira, tiveste uma rica ideia. *(Ri)*.
- FILHO — Sim! Distraí-la... um pouco. Não é!? Bem... e mostrar-lhe o meu primeiro trabalho *(Animando-se)*. É o meu primeiro trabalho!
- F.M.V. — Oh! Foste tão bom!
- F.D.M. — A mãe está sempre p'raqui... tão só! Chateada!
- MÃE — Ah! Isso não! *(Acariciando os lulos)* Tenho sempre os meus queridinhos.
- F.D.M. — *(ri despropositadamente indo abraçar-se ao irmão)* Ora! Foste formidável! Olha! E o filme é porreiríssimo. Deixa lá. *(Passeia-se pelo quarto cantando)*.
- MÃE — Cale-se! Cale-se! Não ouve? *(Para o FILHO)* Uma porcaria!
(O FILHO, acabrunhado, não responde. Silêncio).
- F.M.V. — Bom!... *(Com tristeza)* Olha! Mas porque te foste lembrar disto para... Assim!... Tão impressionante?...
- F.M.N. — *(hirta. Fuma consecutivamente e inclina, estranhamente, a cabeça para a direita)* Sempre a mandar! A mandar! Apre!
- FILHO — Hum! Já disse. Foi para...
- F.D.M. — *(para subitamente em frente duma gaiola e começa a bater palmas)* Olhem, olhem! Um ovo! Venham ver. Venham cá todos. *(Ri. Abre a portinhola e tenta tirar o ovo)* Oh! Vamos comê-lo! Hem! Vamos!?
- F.M.V. — *(interceptando-a carinhosamente)* Oh! Que ideia!
(Trá-la de novo para o meio do quarto) — Vá! Senta-te aqui. Vamos conversar.

F.D.M. — *(senta-se com as saias muito subidas, expondo metade das coxas, o que acontecerá sempre, ao longo de toda a peça e de cada vez que se sentar)* Oh! Deve ser giro! Um ovo de periquito! Frito! *(Ri)*.

MÃE — *(agitando-se na cama. Abanando-se)* Por mim... quem está doido é ele.

F.M.V. — Mas... porquê, mãe?

MÃE — Ora! O tema, meninas! O tema! É... arrojado de mais. Estupidamente pretencioso.

FILHO — Bem! Sim! Talvez... um pouco atrevido. Não?

MÃE — *(irónica)* Um pouco!? *(Casquinada)* Que sabes tu disto?

F.M.V. — Bom, mãe. Era só... uma teoria. Então!...

MÃE — Tch! Teoria!? Ninguém é assim.

F.D.M. *(eufórica)* Por mim... Eu cá gostei. Pronto! Acho que até... para filme, ham!...

FILHO *(com espanto)* Para... filme!?

F.M.V. — Olhe, mãe, não sei, sabe! Não sei! *(Pausa)* Sim! Talvez... que em cinema...

MÃE — Ora! *(Para o FILHO)* Que disseram os psiquiatras?

FILHO — *(passando a língua pelos lábios, o que fará com frequência)* Hum! Muito... e nada.

MÃE — *(casquinada)* Também eles... não sabem.

F.D.M. *(alegre, vai sentar-se ao colo do irmão)* Por isso é que o teu tema tem de ser bom. Não 'tás a ver?

FILHO — Hem! *(Pausa)* — Já não sei. Eu... quiz transmitir as minhas confusões... as minhas dúvidas...

MÃE — *(irónica)* Transmitir dúvidas... não é muito original.

FILHO — *(para si próprio)* De médico... e louco, todos temos um pouco. Não é!? *(Pausa)* Porquê?

MÃE — Boa pergunta. Olha! Nunca soube distinguir bem, uns dos outros.

F.M.V. — *(sorrindo)* Os médicos, dos loucos?

MÃE — *(com irritação)* — Não! Claro! Os loucos dos... não loucos.

FILHO — Sim! *(Pausa)* Dos chamados são.

F.M.N. — *(com um sorriso inexpressivo)* É uma fronteira!
(Risadinha) Não é?

(Pausa. De súbito o FILHO, levanta-se, quase atirando a F.D.M. ao chão e começa a passear agitado pelo quarto mas tendo constantemente o cuidado de não pisar certos desenhos da carpete).

FILHO — Pois! É isso! Como é que sabemos que estamos certos? Em que observatório se encontra o Juízo-Padrão? *(Pausa)* Ham!? Será apenas... a força das maiorias. *(Pausa)* — Ou a dos consensos?

F.M.V. — Hum! Tem de haver outras razões.

FILHO — *(continuando a sua marcha com as mesmas precauções, o que fará sempre que recomeça o seu deambular.)* Depois... são tão desconcertantes.

(Pausa).

F.M.V. — Sim. De repente parecem ter mais juízo que... que os outros.

MÃE — *(casquinada)* Hum! Lembra-me a velha história... Da roda que saltou do carro do homem com juízo, quando ele ia a passar à porta dum manicómio. Os parafusos perderam-se... e ele não sabia o que fazer para voltar a montar a roda. Então, do alto dum muro alguém lhe gritou: "Pst! Pst! Tire um parafuso de cada uma das outras três rodas e coloque-as nessa. O homem ficou encantado e

com um largo sorriso lá a executar quando de súbito olhou espantado para "aquele" muro. Ouviu então o outro dizer: É, é! Sou doido. Sou doido mas não sou estúpido'.

(Silêncio. Todos permanecem imóveis à excepção da F.M.N. que vai refugiar-se a um canto do quarto).

FILHO — Isso, repõe um velho problema. *(Dirige-se à cabeceira da mãe e serve-se do jarro.)* Lembro-me de o ter discutido ainda há pouco. Hum! Ainda há pouco!? Talvez aí há uns dois anos... Não, espera! *(Pausa)* Para aí há um ano, quanto muito. Hum! Não! Foi mesmo há dois anos! Precisamente no dia a seguir aos anos da mãe. Ora a mãe faz anos a vinte de Novembro... setenta, não é? Nasceu... em mil novecentos... Claro! Deve ter sido portanto a vinte e um de Novembro do ano passado. É isso! Precisamente! Bom, mas dizia eu... que isso repõe o velho problema: o louco será mais inteligente?

MÃE — Ou... o sábio será mais louco?

F.M.V. — Sim! Pelo menos porque poderão eles alternar tão depressa ideias, assim... assim extravagantes, com outras tão... lógicas?

FILHO — Ah! Bom! *(Pausa)* Depende. Nem todos. Acho que isso será mais com aqueles a quem chamam esquizofrénicos, suponho.

F.D.M. — *(rindo espalhafatosamente)* Que crochet tão cómico devem fazer os psiquiatras dentro das suas cabeças.

F.M.V. — *(sorrindo)* Sim. Para classificarem toda a gente.

MÃE — Ora! Eles já devem ter explicação para tudo isso.

FILHO — *(interrompe o passeio. Concentra-se)* Não, não!

Ainda não... E contudo! *(Pausa)* Contudo deve haver uma razão. Quem sabe? Talvez até muito simples *(Recomeça a sua marcha)* Muito simples.

F.M.V. — Hum! Hereditariedade... meio ambiente... e o resto!

FILHO — Sim. Nalguns casos... personalidades psicopáticas. Mas... digamos, nos casos mais graves?

F.M.V. — Quê? Queres dizer... nas psicoses?

FILHO — Não sei, não sei! Mesmo nesses... Enfim! Por isso quis experimentar.

MÃE — *(irónica)* E então... fizeste este filme!

FILHO — *(ansioso)* S...im, mãe! Fiz este filme. *(Pausa. Depois abatido)* Hum! Tinha um pressentimento...

F.D.M. — *(rindo)* De quê, querido?

FILHO — Que vocês..., não iam gostar.

(A F.M.N. levanta-se subitamente e no seu passinho miúdo dirige-se para a porta e sai).

F.M.V. — *(para o irmão, com ternura)* Olha! Mas o tema... à mesma é muito curioso. Muito curioso. Eu!...

MÃE — Talvez! Mas não soube agarrá-lo.

F.M.V. — Não sei mãe! Talvez que... talvez no teatro...

F.D.M. — *(abanando-se. Alegremente)* Oh! Era outra coisa. Lá isso era.

MÃE — Sim! *(Pausa)* Mas que percebe ele disto?

FILHO — O quê!? De cinema!?

MÃE — *(encolhendo os ombros)* Do tema.

(Pausa).

FILHO — Não percebo! *(Pausa)* Então... vocês... acham que o tema é pelo menos, razoável. *(Pausa)* O que está mal, isto é, o meu grande êrro, foi ter feito

um filme? Ham!? (*Irónico*) — Quer dizer, se fosse no palco!... Enfim! Falhei redondamente logo na origem.

MÃE — Hum! Tu...

F.M.V. — Não, não, querido! Não és tu! É... é que o cinema... às vezes, hum! Não se presta! Há temas que, digamos... nasceram para um palco. Entendes?

F.D.M. — (*alegre*) Oh! É tão chato, o cinema.

FILHO — Chato!? Chato!? (*Depois, num esgar, levando as mãos à testa*) Oh! Que dor... de cabeça! (*Pausa*) Chato!?

MÃE — Insuficiente! Percebes?

FILHO — Insuficiente!? O cinema!?

MÃE — Sim! Para um tema destes, não bastam os grandes planos. É necessário captar o personagem desde o seu olhar até... até à maneira como os outros o olham. E ao mesmo tempo! Compreendes?

FILHO — (*num espanto*) A mãe... quer dizer...

MÃE — Olha! No meu tempo, quando entrávamos no palco...

F.D.M. — (*também ela passeando-se pelo quarto, atravancado, cruzando-se constantemente com o irmão e abanando-se agora com uma revista qualquer*) — Uff! Vocês não acham que está um calor... Hoje!

F.M.V. — (*abanando-se também*) Sim querida! Mas felizmente... já está no fim.

F.D.M. — Eh! Foi cá um verão!

MÃE — (*revolvendo-se na cama*) Hum! Eu que o diga.

FILHO — (*confundido. Para a F.D.M.*) Mas então... tu... Chato!?

F.D.M. — Sim, sim! Quero dizer... liso... como se fosse... uma folha de papel. (*Pausa. Ri.*) Kodak!

(*Volta a F.M.N.. Traz, sorridente, um quadro entre as mãos. Dirige-se para a F.M.V.*)